



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

MARCELO
GLEISER

15|10 Salvador



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2018

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2018

Curadoria

Fernando Schüller

Assistente da Curadoria

Eduardo Wolf

Direção Comercial

Pedro Longhi

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Marketing

Karina Roman

Equipe

Denise Donicht

Francisco de Azeredo

Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Design

Fernanda Toniazzi

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS



PARA BUSCARMOS O ACORDO, A TOLERÂNCIA E A HARMONIA

Construir consensos é um ideal indissociável das *democracias*. Ao contrário dos regimes de força, que impõem visões de mundo únicas, democracias contemplam uma pluralidade de modos de vida, de identidades coletivas e individuais, com seus anseios, suas aspirações e suas urgências. É apenas na democracia, graças ao debate público, ao esclarecimento e ao convencimento do outro, que variadas identidades formam arranjos de maiorias e minorias para buscar o acordo, a tolerância e a harmonia.

Contudo, o que ocorre quando identidades religiosas, raciais, de gênero ou de comportamento e cultura tornam-se tão radicalizadas que a sociedade não encontra mais o consenso? O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença? Quando a sociedade envereda por esse caminho – o caminho das guerras culturais –, é a própria democracia que corre riscos.

Já faz meio século que políticas de ações afirmativas e movimentos identitários têm sido parte essencial da busca por uma sociedade baseada em direitos e oportunidades para todos. O problema surge quando um tipo qualquer de identidade produz seus próprios critérios de superioridade moral e exclusão do outro, inviabilizando os acordos e consensos mínimos que garantem a vida e a força das sociedades democráticas modernas. Mark Lilla, da Universidade de Columbia, afirma que “o progressismo norte-

americano anda imerso em um tipo de pânico moral em função de temas de gênero, raça e identidade sexual”. O mesmo poderia ser dito sobre diferentes formas de conservadorismo.

As guerras culturais marcam a migração dos temas éticos para o centro do debate público. O sentido e os limites da arte, a natureza do casamento e da família, o papel da mulher e do homem na sociedade passam a ser matéria de acirrado debate político, partidário e governamental, não mais se restringindo à esfera dos indivíduos ou da sociedade civil. Sobre esses temas não haverá acordo em uma “grande sociedade” plural.

O filósofo e neurocientista de Harvard, Joshua Greene, fala de uma “tragédia da moralidade do senso comum” para tratar do desacordo nas democracias contemporâneas. Somos talhados para viver em “tribos morais”, não em um universo cosmopolita. Uma ética global ainda está para ser construída. Este é, em boa medida, o desafio de nosso tempo.

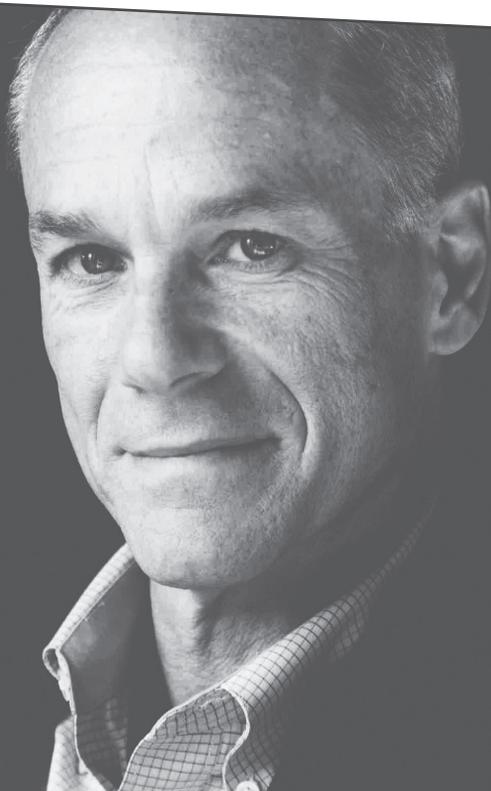
A agravar essa situação há o papel das mídias sociais. No lugar da grande ágora global, que no final do século passado prometia o aprofundamento do diálogo entre os diferentes, o que emergiu de fato assemelha-se mais a um tipo de guerra hobbesiana de todos contra todos, impedindo os consensos e minando instituições democráticas.

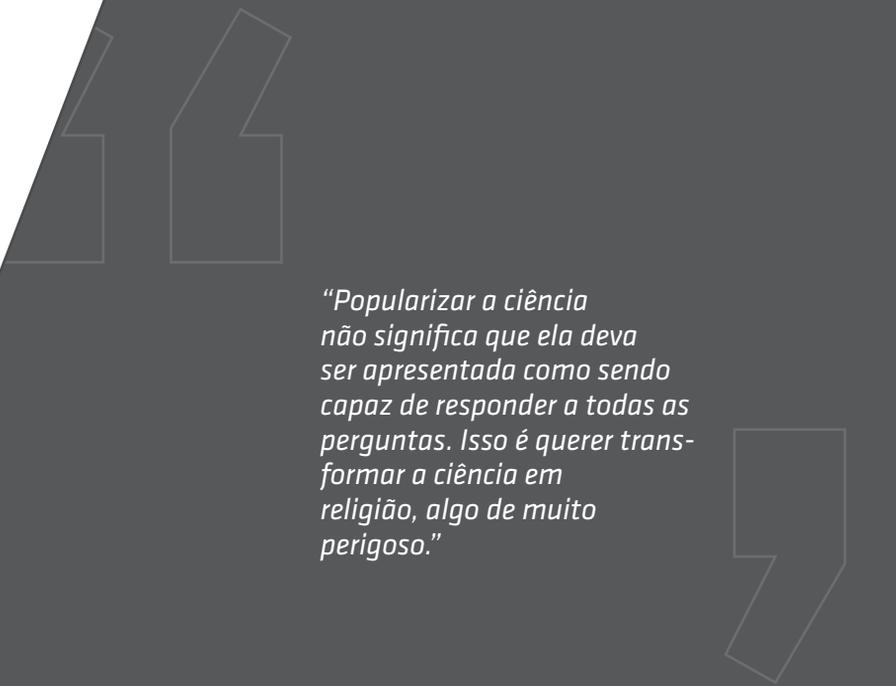
Explorar esses temas, celebrar a diferença sem perder a dimensão do diálogo, decifrar os mistérios da guerra cultural e o atual estado da democracia global serão alguns dos desafios do *Fronteras do Pensamento* em 2018.

MARCELO GLEISER

(Brasil, 1959)

Best-seller e vencedor de dois prêmios Jabuti, este grande divulgador da ciência mostra como as mais complexas teorias estão interligadas ao cotidiano de todos nós.





“Popularizar a ciência não significa que ela deva ser apresentada como sendo capaz de responder a todas as perguntas. Isso é querer transformar a ciência em religião, algo de muito perigoso.”

Físico teórico, professor, escritor e colunista do jornal *Folha de S.Paulo* e da *National Public Radio (NPR)*, Gleiser é internacionalmente reconhecido no meio acadêmico. É membro da Academia Brasileira de Filosofia e da American Physical Society e autor de *best-sellers* como *A dança do universo* (prêmio Jabuti de 1998), *O fim da terra e do céu* (prêmio Jabuti de 2002) e *Criação imperfeita*, traduzidos para diversos idiomas. Professor de física e astronomia na Dartmouth College nos Estados Unidos desde 1991, recebeu o prêmio Presidential Faculty Fellows Award, da Casa Branca, por sua dedicação à pesquisa e ao ensino.

Nascido no Rio de Janeiro, Gleiser teve sua curiosidade pela ciência despertada por meio da admiração pela natureza. Kursou Engenharia Química por dois anos, transferindo-se para o curso de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde graduou-se em 1981. No ano seguinte, fez seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 1986, obteve seu doutorado no King's College, da Universidade de Londres, na Inglaterra.

Autor de mais de uma centena de artigos citados e dezenas de textos publicados em formato impresso ou digital, o foco da pesquisa de Gleiser é o surgimento de estruturas complexas da natureza para descobrir o sentido do mundo e nosso lugar no grande esquema das coisas. Para isso, ele tem como foco questões muito fundamentais relacionadas ao que chama de “três origens”: a origem do universo, a origem da matéria e a origem da vida na Terra e em todos os lugares do cosmos.

Em seus textos para a mídia, vídeos para o *Fronteiras* e nas participações em séries televisivas, Marcelo Gleiser atua não apenas como um divulgador da ciência, mas também como um divulgador do interesse pela ciência. Sua postura congregadora e antirradicalismos reúne diversas áreas do conhecimento e faz desse brasileiro um dos principais intelectuais públicos no País.

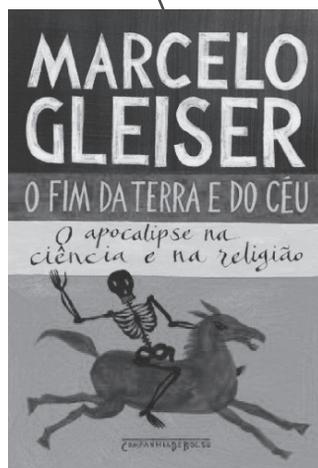
DESTAQUES

Em seu trabalho, Gleiser argumenta sobre a necessidade de se reconhecer as origens diferentes dos pensamentos evolucionista e criacionista. Para ele, o criacionismo não pode ser considerado uma teoria, pois não tem embasamento científico ou histórico. Em um de seus livros – *A harmonia do mundo* –, explicou a criação do modelo planetário de Johannes Kepler e como ele tentou desvendar os mistérios do mundo utilizando a geometria.



Depois de assistir a uma aula sobre pesca *fly* na Dartmouth College, onde é professor, interessou-se pela prática e a adotou como *hobby*. Em viagem pelo mundo para participar de conferências científicas – e pescando onde quer que vá –, Gleiser reflete sobre as diversas formas como a física influencia o ato de pescar. No livro *A simples beleza do inesperado* mostra como a pesca serve de espelho para o funcionamento da natureza e como a ciência lida com a espiritualidade, o mistério e as coisas que não consegue explicar.

Em *O fim da terra e do céu - O apocalipse na ciência e na religião*, Gleiser aponta de que maneira as ideias sobre o “fim” inspiram não só as religiões e a pesquisa científica, mas também a literatura, a arte e o cinema. O autor presta uma homenagem à imaginação e à criatividade do homem.



Em abril de 2016, Gleiser conversou com o jornal *Gazeta do Povo*. Na entrevista, falou sobre ciência, fé e seu livro *Criação imperfeita*. “Uma coisa que confunde muito as pessoas, e também a mim, é a ideia do infinito. É um mistério. Uma vez meu filho me perguntou quanto era ‘infinito mais infinito’, e eu respondi ‘infinito’. E zero mais zero? É zero. Ele continuou: ‘Então zero e infinito são os dois únicos números que, somados a si mesmos, dão o mesmo valor?’. E eu disse: ‘E um é o oposto do outro: o zero é nada, o infinito é tudo!’”

<https://is.gd/Gleiser1>

<https://www.fronteiras.com/entrevistas/marcelo-gleiser-em-busca-do-desconhecido>

“A ideia de que um cientista não pode ser, também, um intelectual público é extremamente antiquada. Na verdade, muitos dos grandes cientistas da história foram intelectuais públicos, incluindo Galileu, Einstein, Feynman, dentre muitos outros. A comunidade científica, hoje, vê, essa atividade como essencial, dados os desafios encontrados pela credibilidade na ciência numa era em que ‘todo mundo’ é expert em tudo.”

(Carta Capital, março de 2018)

Neste vídeo produzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, Gleiser vai do hinduísmo a Einstein, passando por Jung, para costurar a história das crenças e das descobertas sobre a origem do universo. Como podem mitos milenares e ciência moderna chegarem à mesma conclusão? Como matemática e crenças se assemelham? Teria o homem um repertório limitado de pensamento? E qual teoria explica nossa origem, afinal?

<https://is.gd/Gleiser2>

<https://www.fronteiras.com/videos/a-nossa-historia-da-criacao>



30.03.2018
Marcelo Gleiser
A nossa história da criação

PARA **DEBATER E** **CONHECER O MUNDO**

Há mais de uma década, a trajetória do *Fronteiras do Pensamento* privilegia as ideias, valoriza o conhecimento e fornece algumas das principais chaves para a compreensão do mundo e das suas complexidades.

A cada temporada, um time de pensadores e profissionais reconhecidos apresenta suas próprias inquietações e provocações para que, a partir de um conjunto múltiplo e diverso, possamos traçar novas discussões, fomentar novas buscas, iluminar dúvidas e certezas e descobrir novos caminhos.

O projeto, após suas mais de duas centenas de conferências internacionais e nacionais realizadas, mantém vivo o seu convite ao diálogo. Especialmente no período atual, em que encontrar consensos ao mesmo tempo em que se valoriza particularidades é um dos grandes desafios.

Braskem apresenta

WWW.FRONTEIRAS.COM



fronteirasweb



fronteirasBA



fronteiraspoa



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

Patrocínio



Realização



Apoio



MEMBRO DA REDE
ILUMNO